

O PERFIL DO ELEITOR DE Lula

LULA É DO CONTRA, SEU ELEITOR TAMBÉM. CONCENTRADOS NA CLASSE MÉDIA URBANA E SINDICALIZADA, OS LULISTAS AINDA VOTAM POR IDEOLOGIA, MAS HOJE SÃO MUITO MAIS ELEITORES DO NÃO. "NÃO É MAIS SÓ VOTO DE ESPERANÇA COMO EM 1989, MAS SIM DE CONVICÇÃO DE QUE O MODELO DO GOVERNO FERNANDO HENRIQUE NÃO SERVE A ELES. É UM VOTO DO CONTRA, ATÉ PORQUE O PT NÃO SOUBE EXPLICAR O QUE QUER", EXPlica O ANALISTA MARCOS COIMBRA. OS GRUPOS MAIS AFINADOS COM O PETISTA SÃO OPERÁRIOS DAS GRANDES FÁBRICAS, FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS INSATISFEITOS COM A REFORMA ADMINISTRATIVA E OS DESEMPREGADOS — ESSES PODEM ATÉ TER VOTADO EM FHC EM 1994, MAS SE DESCANTARAM COM O GOVERNO QUANDO FORAM DEMITIDOS.

Biro acha Lula igual ao brasileiro

Votar em Lula não é uma opção política para Valdomiro Mamete, ou Biro. "É uma questão de modo de vida", diz, aos 29 anos, 10 deles passados na Marinha. Começou como grumete e chegou a cabo. Servia na Escola Naval, no Rio de Janeiro, até que conheceu o PT numa manifestação na Cinelândia, centro carioca.

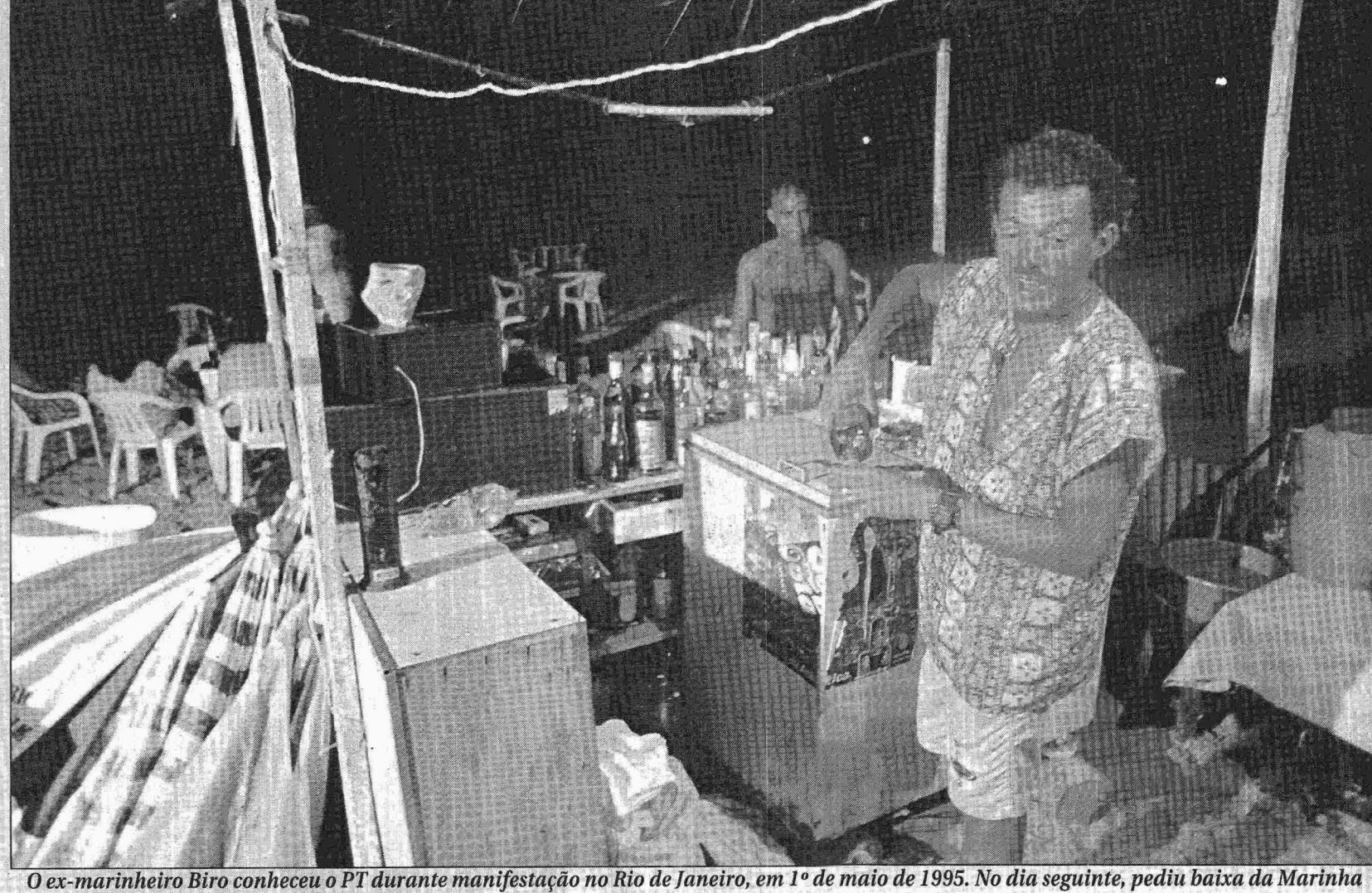
Era o dia primeiro de maio de 1995 e militantes berravam contra o desemprego e por uma sociedade justa e solidária. No final do comício, Biro foi conversar com alguns petistas que lhe deram panfletos e textos do partido. O marinheiro ficou apenas mais 24 horas no quartel. Para a surpresa dos amigos, pediu baixa e trocou a caserna pela estrada.

"Virei um viajante. Quero a liberdade e por isso voto em Lula, ele é um homem livre compromissado com o povo. Podia ter ficado rico, preso à burocacia ou mesmo à vidiña de deputado, não ficou", prega Biro, agora de cabelo e barbas crescidos e estacionando temporariamente na praia de Gaibú, em Pernambuco, onde mantém um pequeno bar sobre as areias.

"Aqui conheço gente diferente, de todas as idades e pensamentos. É o contrário do quartel, onde todo mundo era igual", lembra o rapaz, adorado em Gaibú por suas habilidades manuais.

Sabe soldar, construir, pintar. "Faço para ajudar as pessoas. Solidariedade é dia-a-dia", diz Biro, nascido em Santos, no litoral paulista. "Lá o PT fez uma bela administração. Posso não saber falar de política, mas sei reconhecer quando o povo está feliz. Em Santos, estava", conta o hoje barman. Mas admite ser improvável a vitória eleitoral de seu candidato. "Ele nunca vai ganhar. Sua função é outra. É tocar as pessoas de que devem confiar em seus iguais. Lula é igual ao brasileiro". (ABM)

Fred Jordão/Imago



O ex-marinheiro Biro conheceu o PT durante manifestação no Rio de Janeiro, em 1º de maio de 1995. No dia seguinte, pediu baixa da Marinha

Édson critica Plano Real

Édson Machado Fernandes, operário de 42 anos, percorreu o país de Norte a Sul nas décadas de 70 e 80, quando trabalhava como palhaço num circo. Com a autoridade de quem conheceu o povo brasileiro de perto ele faz, sobre a eleição deste ano, uma avaliação que considera realista. "Se os trabalhadores fossem bem informados, o Lula venceria. Mas a mídia só mostra o lado bom do governo. O Fernando Henrique é o candidato mais viável, pois tem a máquina nas mãos", lamenta.

Édson nasceu no pequeno município maranhense de Duque Bacelar e há 14 anos ganha a vida como metalúrgico em Contagem, cidade industrial na região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Politizado e filiado ao sindicato de sua categoria, Édson é um eleitor fiel de Lula. "Lula, para mim, continua sendo o melhor candidato da oposição", define.

Casado e com um filho, Édson conta que a situação dos operários

de Contagem "piorou muito" com o Plano Real. "O Real está fuzilando o trabalhador. Isso porque a inflação não aparece nos números oficiais, mas continua existindo, e os salários vão perdendo o poder de compra", argumenta.

Ele reclama da tão falada "terceirização", que no seu modo de ver, nada mais é do que uma forma disfarçada de tirar dinheiro dos trabalhadores. "Quando alguma coisa é terceirizada, o que acontece é o seguinte: o operário sai de uma grande indústria e vai fazer o mesmo serviço, com a metade do salário, em outra empresa menor", diz Édson, que é funcionário de uma grande indústria de peças.

Em Ciro Gomes, Édson admira apenas o fato de o candidato do PPS também ser nordestino. "Mas ele saiu do mesmo berço do Fernando Henrique, o PSDB. Não mudaria nada", acredita o metalúrgico, que mesmo pessimista, não desiste do sonho de ver o ex-operário Lula na presidência (JPJr.).

Genaro Joner



Maria Cristina: Lula poderá fazer pelo país o mesmo que o PT fez por Porto Alegre

Maria Cristina quer modelo do PT gaúcho

Em 1982, o PT era um partido desconhecido que disputava as eleições para governador do Rio Grande do Sul com um bancário: Olívio Dutra. O nome aparecia em cartazes impressos em fundos de quintal com tinta vermelha sobre

folhas contínuas de computador.

A médica Maria Cristina Giacozzzi tinha 18 anos, cursava a Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica e militava no movimento estudantil. Foi a primeira vez que votou. Assinalou o nome de Dutra na cédula. O candidato obteve 3% dos votos. Mas Cristina continuou votando no PT. Votou em Lula em 1989 e em 1994.

Agora, aos 34 anos, trabalhando no Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição, ligado ao Ministério da Saúde, Maria Cristina se prepara para votar de novo nos candidatos do PT. A administração petista na prefeitura de Porto Alegre — pelo terceiro mandato consecutivo — funciona para a médica como uma amostra do que o partido é capaz de fazer por onde passa.

Ela desfia os dados: a prefeitura petista ampliou a rede de esgotos de 46% para 82% do total de moradias, criou um sistema de saúde municipal e elevou de 16 para 94 o número de unidades de atendimento, aplicando no setor sempre mais de 12% do orçamento da prefeitura. Cristina espera que Lula presidente e Olívio governador tenham performances semelhantes a essa.

"Espero que Lula ponha um freio nas privatizações e faça mais investimentos no setor público", diz a médica. Maria Cristina apostava que Lula repetiria as experiências da prefeitura de Porto Alegre, fortalecendo a saúde pública e a educação. "São setores fundamentais para o desenvolvimento do país", argumenta. (WBF)

Pedro é contra as reformas

Quando a conversa é eleição, o professor de geografia do Colégio Amapaense Pedro Franklin Gomes, 38 anos, não costuma vacilar para anunciar seu candidato. Para presidente, tem voto definido há nove anos. "Sempre votei no Lula", afirma.

Desde 1989, quando Lula se candidatou pela primeira vez para concorrer à presidência, Gomes torce para que seu voto, um dia, ajude a colocar o candidato do Partido dos Trabalhadores no Palácio do Planalto. "Acredito no Lula e, portanto, ele continuará tendo meu voto enquanto for candidato", garante.

Para Gomes, o candidato do PT é o único que ainda consegue dar alguma perspectiva para o trabalhador. "Os políticos que aprovaram as reformas administrativa e previdenciária tiraram conquistas

nossas sem pedir licença", reclama.

Funcionário de estado do Amapá há oito anos, Gomes ainda não conseguiu tirar férias com toda a família. Os dois empregos de Gomes tomam 12 horas de seu dia, mas não o ajudam a juntar dinheiro para longas viagens de férias. "Minha família é muito grande, não ganho para pagar a passagem de todos", lamenta. Além de professor, Gomes também trabalha como técnico legislativo na Câmara Municipal de Macapá.

Na escola, Gomes conversa sobre política com os alunos. Garante que não induz o voto de ninguém. Durante as aulas, a prioridade de Gomes é despertar a consciência de cidadão no alunos. "Eles precisam saber que, apesar de representarem apenas um voto em milhões, têm muita força e

não podem votar com irresponsabilidade", ensina. (MCD)

Pedro Franklin: voto em Lula há nove anos

